

Inflexões de Eros no universo fictício de *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley: a sexualidade como fenômeno distópico

Naíse Paula Santos Ramos*

Resumo: Por meio do condicionamento de Eros, as estruturas distópicas surgem na narrativa ficcional *Admirável Mundo Novo* (2014), de Aldous Huxley, de modo a evidenciar o controle social do Estado. Compreende-se que frequentemente os universos literários distópicos possuem a sexualidade como um dos alicerces para a fundamentação das configurações sociais vigentes em seus domínios. Ante tais perspectivas, busca-se compreender as implicações literárias do fenômeno psicossocial Eros, enquanto elemento constitutivo da diegese estudada. Deste modo, um esboço de suas facetas foi construído, a fim de melhor entendê-lo, pelos diálogos mitológicos e filosóficos de Platão (2017); com demarcação para as abordagens psicológico-sociais de Freud (2011; 2019) e Marcuse (1968). Em seguida, foram identificadas as formas de condicionamento de Eros presentes na sociedade do romance estudado, bem como elas se caracterizam enquanto mecanismos de controle das subjetividades. Por fim, foram explicitados alguns elos entre o impulso libidinal e a configuração anti-utópica/distópica da obra. Tais processos demandaram leituras contextuais do romance, ao que concerne às inflexões do Eros nesse admirável universo ficcional – que ainda traduz muito das realidades contemporâneas.

Palavras-chave: Eros; Literatura distópica; Condicionamento social; *Admirável Mundo Novo*; Representações da sexualidade.

Abstract: Through the conditioning of Eros, dystopian structures emerge in the fictional narrative *Brave New World* (2014), by Aldous Huxley, in order to highlight the social control of the State. It is understood that dystopian literary universes frequently have sexuality as one of the foundations for the social configurations in their domains. Faced with such perspectives, this article seeks to understand the literary implications of the psychosocial phenomenon Eros, as a constitutive element of the studied diegesis. In this way, an outline of the facets of Eros was constructed, to better understand it, by Plato's mythological and philosophical dialogues (2017); with a demarcation of the psychosocial approaches by Freud (2011; 2019) and Marcuse (1968). Then, Eros' conditioning forms were found present in the society of the studied novel, as well as how they are characterized as control mechanisms of subjectivities. Finally, some links between the libidinal impulse and the dystopian/anti-utopian configuration of the literary work were explicitated. Such processes required contextual readings of the novel, with regard to the inflections of Eros in this brave fictional universe – which still translates much of contemporary realities.

Keywords: Eros; Dystopian literature; Social conditioning; *Brave New World*; Representations of sexuality.

* Graduada do curso de Licenciatura em Letras, Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus II - Alagoinhas. E-mail: naisepaula@hotmail.com. Artigo submetido para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do Prof. Dr. Manoel Barreto Júnior, Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: mbjunior@uneb.br

1. Introdução

No mundo da liquidez, de acordo com Bauman (2004) – no qual todas as ações se voltam para o alimento do ego e o “outro” se torna um objeto de consumo – a sociedade se encontra cada vez mais polarizada; cada pessoa vive em sua ilha particular. Semelhante a máquinas que acumulam informações, de forma compulsiva, a humanidade empurra a si própria para a existência do progresso desenfreado e do entretenimento infindo.

Na conjuntura social da obra distópica *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley (2014), o cenário é semelhante. As personagens vivem imersas na tentativa de sufocar suas subjetividades em prol de uma racionalidade excessiva, com a promessa de sucesso e felicidade. Neste admirável mundo líquido, colecionam-se números, métodos e gozos imediatos, mas excluem-se as subjetividades da equação, entorpecidas por mecanismos existentes nessa sociedade com o fim de anular os tumultos internos: a droga “soma” – utilizada pelas personagens para evitarem sentimentos tidos como negativos, especialmente a tristeza; o cinema sensorial – tecnologia cinematográfica que imprime nos telespectadores as mesmas sensações físicas vivenciadas pelas personagens do filme; bem como o contato narcísico com o “outro”, resumido às sensações físicas.

A estabilidade nessa sociedade é conquistada através da repressão das emoções e, para isso, é necessário que as vontades sejam rapidamente saciadas, a fim de não criar a tensão que resulta no impulso de Eros, ao conhecer o “outro” e o externo em profundidade:

Reprimido, o impulso transborda, e a inundação é sentimento; a inundação é paixão; a inundação é loucura até: tudo depende da força da corrente, da altura e da resistência do dique. O curso de água não contido flui tranquilamente pelos canais que lhe foram destinados, rumo a uma calma euforia. [...] O sentimento está à espreita nesse intervalo de tempo entre o desejo e sua satisfação. Reduza-se esse intervalo, derrubem-se todos esses velhos diques inúteis (Huxley, 2014, p. 65-66).

Os indivíduos não se permitem contemplar a forma na qual certos eventos os atravessam, nem o próprio atravessamento lhes é possível pela homogeneização dos sentidos e quereres. Com isto, todo elemento que simboliza alteridade é visto como negativo, o que engatilha uma alienação coletiva. Byung-Chul Han (2017) apresenta a perspectiva de que o desmantelamento do Eros e, consequentemente, do “outro”, promove impactos significativos que geram o “mero viver”, caracterizado pela perspectiva neoliberal de auto-exploração, bem como a crise da fantasia e até a própria crise de depressão na sociedade atual.

Ao ler as obras de Han (2017) e Huxley (2014), torna-se inevitável não fazer uma associação entre a observação da realidade concreta do primeiro com o universo fictício tecido pelo outro. Diante das semelhanças percebidas, surge o estímulo para observar de qual forma a agonia do Eros opera no romance de Huxley. Contudo, ao realizar pesquisas para melhor compreender como este fenômeno atua em *Admirável Mundo Novo* –

doravante *AMN* – não foram encontrados estudos que delineassem de que forma sua inflexão impactava na narrativa construída; apenas um artigo centrado no aspecto dos ansiolíticos de Hilário (2010).

Assim, considera-se pertinente abarcar de forma aprofundada como este fenômeno pode ser sistematicamente condicionado, a ponto de fundamentar a construção de uma sociedade na obra de Huxley, bem como apresentar os impactos possíveis da manipulação das subjetividades no desenvolvimento individual e coletivo dos sujeitos na construção da diegese da obra. Tal análise promove a compreensão das nuances sociais que Eros é capaz de imprimir nos universos literários; em particular, aos distópicos, que costumam controlar os indivíduos em seus sistemas, tornando mais evidente o condicionamento do fenômeno em questão.

Tendo em mente os vestígios das possíveis inflexões de Eros no romance de Huxley, que constroem uma realidade sistêmica de controle, surge a seguinte questão: como se dá o processo de inflexão do Eros no universo fictício de *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley (2014), e quais são as implicações deste fenômeno para a criação da diegese distópica no romance? Neste escrito, estreitam-se as relações entre a literatura e a psicanálise, campos de estudo que detêm a linguagem como ferramenta central para expressar gradações existenciais e estéticas da condição humana.

De acordo com Silva (2010), o processo analítico de textos literários com a intenção de compreender aspectos psicanalíticos, bem como a observação da subjetividade nos textos – enquanto elemento estruturado a partir de recursos linguísticos e estéticos – promovem uma simbiose positiva que expande conhecimentos de ambas as áreas. Para tanto, na escrita do presente artigo, o desenho das seções – intrincadas e lineares – formula-se da seguinte maneira: 2. Iluminando as facetas do Cupido; 3. Utopia e distopia: a limítrofe existência dos opostos; 4. Admirável Mundo Coisificado e 5. É que o Estado acha feio o que não é espelho.

2. Iluminando as facetas do Cupido

As mitologias fundamentam a compreensão de diversos fenômenos da existência humana, e um primeiro entendimento sobre Eros emerge a partir da construção do panteão greco-romano. A versão mais antiga de que se tem conhecimento advém do século VIII a.C., na qual o poeta Hesíodo narra a formação do universo na obra *Teogonia*. Nesta diegese, inicialmente, apenas o Caos completo existia e, espontaneamente, surgiram Geia (ou Gaia), que seria a Terra; Tártaro, recôndito mais profundo do submundo; Érebo e Nix, personificações da escuridão e da noite, respectivamente; assim como Eros, descrito enquanto “o mais belo dos deuses imortais, aquele que enfraquece os membros, dominando o espírito e a vontade prudente no íntimo de todos os deuses e de todos os mortais” (Hesíodo, 2014, p. 30).

Nas principais genealogias mitológicas greco-romanas, que antecedem ao período do século VII a.C., Eros é compreendido enquanto pertencente à categoria de deus

primordial, pois emergiu sem a interferência de outras divindades, sendo, entretanto, responsável pela união dos demais – um princípio afiliativo gerador de vida. Enquanto isso, em cosmologias posteriores, ele é representado frequentemente como criança ou homem alado – também chamado de Cupido – filho da deusa do amor e da beleza: Afrodite/Vênus. Travesso e ardiloso, Eros frequentemente atende aos caprichos de Afrodite, importunando os deuses e homens, ao fazê-los se apaixonarem e perderem completamente o estado de racionalidade e autossatisfação.

Dessa forma, percebe-se que Eros compreende o fenômeno que instiga a união entre os enamorados, bem como a associação entre todos os elementos e seres; ele se caracteriza pelo impulso do desejo de forma mais ampla, como assevera Platão (2017), no escrito *O Banquete*. Neste, há a formação de uma perspectiva filosófica do fenômeno, suplantada pelos conhecimentos mitológicos, onde a narrativa se estabelece a partir de uma festa comemorativa, uma premiação do poeta Agatão, na qual os convidados e o anfitrião discursam sobre o deus do amor.

Segundo Diotima – personagem da narrativa – a origem de Eros está ligada ao nascimento de Afrodite – personificação da beleza e do amor –, que foi celebrado pelos outros deuses numa grande festividade. Embriagado, Poros – divindade da prosperidade – se encaminhou aos jardins e adormeceu; assim, a Penúria, que foi à celebração com a intenção de pedir comida, deitou-se com ele. Desta união de opostos, surgiu Eros, servo de Afrodite:

Devido à natureza da mãe, a necessidade é sua constante companheira. Mas ele também tem atributos do pai: é ardiloso com o que é belo e bom, arrojado, ávido, pronto para a ação, caçador hábil, sempre tecendo maquinações, ardente por sabedoria, cheio de soluções, por toda a vida amante da filosofia, esperto com magias, poções e também um sofista (Platão, 2017, p. 68-69).

Além disso, introduz-se a teoria de que a capacidade humana de amar evolui e, por conseguinte, estágios mais sublimes de Eros são alcançados: com o amor vulgar, no qual apenas se considera apenas beleza dos corpos, o homem pode procriar novos corpos. Ao sublimar a materialidade destes e apreciar o encanto das almas, gera-se a inteligência, justiça e temperança, dentre outras qualidades. Na escala evolutiva, com a contemplação da imutável beleza e harmonia universais, o ser humano consegue gerar virtudes e reproduzir, enfim, o eterno.

No prisma psicanalítico, Freud explica em *Psicologia das massas e análise do eu* (2020) o conceito do impulso pela vida ou libido – outra nomenclatura para Eros –, afirmando que se trata de uma energia da psique que preza pela harmonia, sendo responsável pela união e estabilidade de casais, famílias, grupos diversos e comunidades, mas que pode ser direcionada para outros encargos, a exemplo do sacrifício por uma “causa maior” (ideias abstratas):

“Libido” é uma expressão tomada da teoria da afetividade. Chamamos assim a energia, considerada como grandeza quantitativa – ainda que por ora não seja mensurável, daqueles impulsos que têm a ver com tudo o que podemos reunir na categoria “amor”. [...] O amor sexual, [...], o amor-próprio [...], o amor parental e o amor filial, a amizade e o amor universal ao próximo [...], a dedicação a objetos concretos e a ideias abstratas (Freud, 2020, p. 74).

Dessa forma, Eros não se restringe, na mitologia, filosofia e psicologia, à percepção romântica de elo entre indivíduos, pois engloba uma série de manifestações da energia, que expandem a compreensão do senso comum do que se configura enquanto uma qualidade de Eros (erótico). Deste modo, tal compreensão se articula com o construto narrativo de *AMN*, pois as inferências do fenômeno se expandem em prol da construção social vigente, correspondendo, assim, às interações sociais entre os indivíduos, suas relações com o trabalho e com seus respectivos objetos de desejo.

Apesar de Eros ser descrito enquanto energia que se volta para o prazer e desvia a pessoa de tudo aquilo que possa causar insatisfação, ele é também responsável pela vontade de se unir ao “outro”. Por conseguinte, para que o vínculo se mantivesse com certa estabilidade, os sujeitos deveriam condicionar sua libido, de modo que alguns desejos individuais seriam sacrificados por conta da harmonia social.

Mediante tal necessidade, a satisfação das pessoas seria parcial, a fim de que conseguissem a segurança proveniente da inserção em um grupo, bem com a afetividade do mesmo. Além disso, Freud (2011) associa Eros à felicidade que o ser humano pode obter, considerando, entretanto, que ela tem natureza efêmera, pois a intensidade do sentimento resulta de um período de restrição – embora tal obstáculo não pudesse se estender por um longo prazo, porque induz a um quadro de neurose.

Entretanto, as configurações de *AMN* são dispostas de modo a satisfazer tanto às necessidades básicas, quanto às de entretenimento dos civis; com o incentivo constante da busca pelo gozo coletivo sem limites. Portanto, as amarras sobre o impulso libidinal não existem e o último tem suporte das instituições estatais para garantir a estabilidade de sua livre fruição. Desprovida de obstáculos, a satisfação se mantém perene e, conseqüentemente, o impulso por reivindicações se mantém adormecido.

De acordo com a perspectiva do psiquiatra, a sustentação de certos limites da libido individual é uma necessidade intransponível para que as estruturas sociais funcionem e obtenham beleza, mas também limpeza e ordem – estabelecimento de um padrão de desempenho e conduta da sociedade (Freud, 2011, p. 37). Em *AMN*, tal condicionamento advém das diversas instâncias de formação do ser, que prescrevem, através de uma modulação fisiológica e psicológica – desde a fase em que o indivíduo é um feto até o fim de sua vida – o desejo pelo que é socialmente imposto para si e a aversão pelo que o sistema considera enquanto pernicioso para a sua continuidade.

Tendo em mente que o ser humano possui em si o ímpeto de reivindicar, seria preciso encontrar um equilíbrio do condicionamento de Eros, que permita certa felicidade ao

indivíduo e sua integração à comunidade. No entanto, Marcuse (1968) formula posteriormente uma acepção revolucionária de Eros, na qual se encontra como catalisador de uma sociedade livre, que consegue harmonizar os desejos individuais com as necessidades geradas pela autopreservação:

A reativação da sexualidade polimórfica e narcisista deixa de ser uma ameaça à cultura e pode levar, ela própria, à criação cultural, se o organismo existir não como instrumento de trabalho alienado, mas como um sujeito de autorrealização – por outras palavras, se o trabalho socialmente útil for, ao mesmo tempo, a transparente satisfação de uma necessidade individual (Marcuse, 1968, p. 183).

No universo fictício de *AMN*, as vontades são prontamente saciadas; entretanto, são massificadas pelo plano social do Estado, gerando, assim, suposta liberdade enraizada num plano de coerção. A partir do entrecruzamento do *corpus* analisado nas mais diversas instâncias do saber, a constância de certas ideias configura elementos-chave para a compreensão do fenômeno Eros: união, desejo, afetividade, sexualidade, impulso, busca, beleza, ideal, amor, renúncia e renovação. Com esta perspectiva, as seguintes considerações sobre o delineamento do fenômeno se formulam e permitem o entendimento sobre as inferências do mesmo na distopia em questão.

3. Utopia e distopia: a limítrofe existência dos opostos

A idealização de uma sociedade que vive em harmonia, sob a regência de leis igualitárias, existe desde os primórdios da humanidade. Entretanto, o termo para designar-se a esse conceito – utopia – advém de uma obra literária homônima, escrita pelo filósofo Thomas More em 1516, na qual delineia-se um mundo “perfeito”. Em grego, “*topos*” corresponde a “lugar” e o prefixo “*u*” tem caráter negativo, correspondendo ao conceito de “não lugar” ou “lugar algum”. Assim, a palavra possui natureza ambígua, pois designa, concomitantemente, uma ordem perfeita da realidade que não poderia ser alcançada (Chauí, 2008).

Devido aos significativos avanços tecnológicos na era iluminista, o cientificismo foi considerado enquanto elemento que revolucionaria não apenas o *modus operandi* trabalhista da época – oferecendo redução de jornada/funções e maior conforto econômico às pessoas – mas também a elevação da moralidade por conta da equidade social proveniente da capacidade intelectual desenvolvida. Deste modo, a concretização de uma realidade utópica era considerada como futuro prestes a se materializar conforme a tecnologia se desenvolvia (Medeiros, 2019).

Com a utilização da tecnologia para o aprimoramento da indústria, a realidade se desviou das expectativas, pois, além da natureza, a humanidade também foi alvo do aperfeiçoamento do sistema exploratório. No século XX, houve uma sucessão de governos autoritários e eugenistas, fortalecidos pelo progresso científico, bem como guerras que assolaram o mundo inteiro. A percepção de que o cenário mundial estaria passando por

tempos sombrios incitou uma quantidade considerável de autores a escreverem análises interpretativas sobre o que vivenciaram e/ou imaginaram que poderia eclodir no futuro.

Assim, emerge uma espécie de antítese da utopia, cunhada a partir de um termo da medicina – “distopia” – que diz respeito à localização anormal de um órgão, e, etimologicamente, advém do grego, significando “lugar anormal” ou “lugar que não funciona bem”. Em 1865, o filósofo John Stuart Mill empregou o termo como realidade oposta àquelas das utopias já conhecidas, ou seja, mundos que teriam como destaque a polaridade negativa na construção das sociedades.

Entretanto, não existe consenso na categorização da distopia, bem como da utopia, enquanto gêneros literários. Por conta disso, certos pesquisadores as consideram enquanto realidades que emergem de outros gêneros, a exemplo da ficção científica. Assim, recorreremos à concepção de diegese para compreender as inferências de utopias e distopias na elaboração de realidades fictícias:

A diegese de um romance abrange personagem, eventos, objectos, um contexto temporal e um contexto espacial. Por isso mesmo, a história de um romance não é só constituída por uma sucessão de acções, mas também por retratos, por descrições de estados, de objectos, de meios geográficos e sociais, pela construção de uma determinada "atmosfera", etc. É inegável, todavia, que a sequência de acções, implicando relações estruturais entre as personagens, entre estas e objectos, meios geográficos e sociais, envolvendo factores sociológicos ideológicos e axiológicos, representa o elemento nuclear da diegese (Aguiar e Silva, 2007, p. 719).

Dessa forma, verifica-se que a diegese diz respeito ao entrelaçamento dos componentes de um texto literário – personagens, ambientação, entre outros elementos narrativos – que geram um arcabouço discursivo coerente e significativo para a produção, ou seja, o universo literário da obra. Apesar da dificuldade na conceituação das diegeses em estudo, os elementos que as definem são características específicas e, ao Berriel (2014) explicar os elementos morfológicos distópicos identificados por Raymond Trousson e Massimo Baldini, torna-se perceptível que as anti-utopias – universos que utilizam da premissa da utopia para distorcer a versão idealizada de possíveis realidades – são inseridas na mesma categoria das produções literárias utópicas.

Dessa maneira, doze características são apresentadas: o (i) *insularismo*, ou seja, o isolamento social e, por vezes, geográfico de outras comunidades, que ocorre a fim de preservar a organização vigente, manifestado em *Admirável Mundo Novo* (2014), no desencorajamento de interação entre pessoas de castas muito distintas, no afastamento dos espaços habitados pelos civis e pelos selvagens – aqueles não doutrinados –, bem como no exílio aos que desviam das imposições sociais; a (ii) *a-cronia*, um presente ininterrupto e o apagamento dos conceitos de passado e futuro, o que promove a estabilidade, pois não haveria mais o que evoluir, somente o que se deve manter/preservar. Tal ideia se encontra

presente no lema do Estado Mundial e, a fim de naturalizar as articulações do sistema, há uma seleção e modificação categórica de fatos históricos.

No que diz respeito à (iii) *autarquia* – o desprezo pelo sistema monetário, limitando o câmbio à comunidade interna do Estado –, há uma alteração em *AMN*, pois o consumo é instigado para manutenção do prazer. A partir do texto, pressupõe-se que a maior parte do mundo foi sobrepujada pelo regime do Estado Mundial, portanto, não há soberanias distintas que poderiam ameaçar o poderio do Estado através do aspecto econômico. A (iv) *estrutura geométrica* compreende a projeção de ordem apresentada na constante simetria arquitetônica, que estabelece um reforço inconsciente das ideologias circulantes. Tal ambientação é promovida no início da narrativa, com a descrição do Centro de Incubação e Condicionamento de Londres Central – um local com atmosfera artificial e gélida, desprovida de vida, que espelha no espaço geográfico a languidez e mecanização das subjetividades.

Além disso, (v) *a defesa da legislação e das instituições*, pois o não seguimento às leis é considerado como um desvio de conduta gravíssimo. Assim, em *AMN*, não se adequar ao condicionamento existente é imoral. Por conseguinte, surge o (vi) *perfeccionismo e violência*, tendo em vista que o funcionamento da sociedade é perfeito, qualquer tentativa de mudança é perniciosa à sociedade, sendo devidamente eliminada, como os exilados do Estado Mundial: “É uma sorte – acrescentou, após uma pausa – que haja tantas ilhas pelo mundo. Não sei o que faria sem elas. Seríamos obrigados a metê-los [indivíduos que não se integram] todos na câmara de gás, suponho” (Huxley, 2014, p. 274).

Há também o (vii) *desaparecimento ou marginalização da família*, percebido como núcleo que provoca a irracionalidade e certa separação da comunidade maior, resultando no seu controle ou completo apagamento. Isto advém da exigência da (viii) *uniformidade social*, na qual o indivíduo se adequa à identidade do “todo” e, por conseguinte, os seus desejos mais íntimos devem ressoar a vontade do Estado; atrelada ao (ix) *dirigismo absoluto*, sacrifício da liberdade em prol da satisfação das necessidades.

Para tanto, há também o incentivo do senso de (x) *coletivismo*: a ausência de propriedade privada surge numa busca pela “igualdade, o que pressupõe a exaltação do trabalho e o horror ao parasitismo social” (Berriel, 2014, p. 15); em *AMN*, até mesmo o reaproveitamento das substâncias produzidas pelo corpo de um morto ao ser cremado é incentivado a ser visto como uma honra, pois permitirá uma contribuição ao corpo social.

O Estado convence os indivíduos a cederem suas liberdades por meio da (xi) *onipotência da pedagogia*, instrução pedagógica sistematizada pelo Estado, com o objetivo de guiar os seres e suprimir qualquer questionamento e/ou sobreposição de natureza individual; como a educação hipnopédica em *AMN*. Por fim, a (xii) *questão religiosa* compreende o misticismo aceito com certas reservas, desde que seja nebuloso e tenha como figura central a própria cidade e tudo que há nela para ser desfrutado, a exemplo da reverência e ritos feitos a Ford no Estado Mundial. Diante disso, percebe-se que a distopia

e utopia são conceitos limítrofes, pois possuem aspectos simultaneamente benéficos e desvantajosos:

Os benefícios que as utopias oferecem parecem suficientes para compensar as restrições que elas impõem, por outro lado, o controle está tão introjetado nos sujeitos que mal aparece como tal. A liberdade nas utopias não é uma questão moral ou filosófica, mas meramente utilitária. Ela serve aos sujeitos na medida em que podem escolher, ainda que minimamente, entre as possibilidades que lhe são propostas, por outro lado, são as suas limitações que evitam “a guerra de todos contra todos”, o egoísmo e a barbárie (Figueiredo, 2009, p. 360).

A respeito dessa questão, Margaret Atwood (*apud* Oliveira, 2021) afirma que, de acordo com a leitura de mundo de cada indivíduo, há um constante deslocamento da percepção sobre os textos que criam tais cenários. Sendo assim, a escritora enfatiza que o leitor deve prestar atenção no modo como interpretam as ficções, pois estas não têm compromisso com o factual ou em explicitar o que seria eticamente correto.

4. Admirável mundo coisificado

No universo ficcional de *AMN*, há a regência de uma organização social hegemônica sobre a realidade global, intitulada como Estado Mundial (EM), que possui como lema: “comunidade, identidade, estabilidade”; pois a sociedade se ampara na homogeneização de vontades como mantenedora da prerrogativa de harmonia e, conseqüentemente, de estabilidade. Desta forma, há uma metodização de ações para regularizar o bem-estar dos indivíduos.

Nessa perspectiva, de acordo com Freud (2020, p. 18), os dissabores da vida podem ser insuportáveis quando não há formas de mitigá-los, desviando a atenção dos sujeitos desse aspecto negativo. Assim, três possibilidades surgem para amenizar os sofrimentos: diversões poderosas – advindas de formas de entretenimento –, gratificações substitutivas – pelas quais o esforço é recompensado – e substâncias inebriantes – que permitem um amortecimento dos sentidos e provocam euforia temporária ao consumi-las. Em *Admirável Mundo Novo* (2014), tais recursos são aplicados e, até mesmo, exigidos enquanto essenciais para o código moral de conduta do regime vigente.

Na distopia, a primeira categoria é vasta, pois o entretenimento é vário e constante: o Cinema Sensível, capaz de inferir sensações diversas de prazer nos telespectadores, e os cabarés nos quais tocam a Música Sintética; clubes de Golfe-Obstáculo, onde os indivíduos podem socializar enquanto se divertem com o esporte; além da própria variedade de parceiros sexuais instigada pelo Estado. Convém se ater, inclusive, no uso do termo “Música Sintética”, que imprime a ideia de algo breve, resumido e objetivo, assim como plastificado/artificial. A música é uma arte que pode engajar o ser humano a se conectar com diferentes camadas de seu ser e a experienciar uma infinidade de sensações que o comovem. Entretanto, em certos casos, também pode desviar a atenção do indivíduo

desses aspectos mais profundos da psique e conduzi-la para o entretenimento mais imediato.

Tais atividades recreativas integram a comunidade do Estado Mundial em uníssono na curtição de prazeres sem um fim aparente, pois a recusa destas práticas é percebida enquanto descumprimento das normas sociais. Assim, o discurso gregário do prazer se torna ratificador dos ideais do Estado, expandindo as identidades laborais dos sujeitos para além do tempo e espaço de seu trabalho com o mascaramento de lazer; bem como impossibilita uma perigosa contemplação da vida proveniente da solidude:

Em lugar da proximidade surge a falta de distanciamento. A proximidade é uma negatividade. Por isso ela possui uma *tensão*. A falta de distanciamento, ao contrário, é uma positividade. A força da negatividade consiste no fato de que as coisas são vivificadas justamente por seu contrário. Falta essa força vivificadora a uma mera positividade (Han, 2017, p. 28).

No que diz respeito às gratificações substitutivas, estas ocorrem no ambiente do trabalho com promoções nos níveis sociais mais altos e permissões especiais para viagens, por exemplo; já os níveis mais baixos recebem uma porção do narcótico “soma” como recompensa ao fim de um dia de trabalho:

O pessoal subalterno do Hospital de Park Lane para Moribundos compunha-se de cento e sessenta e dois Deltas, divididos em dois grupos Bokanovsky, de oitenta e quatro gêmeas ruivas e setenta e oito gêmeos dolicocefalos morenos, respectivamente. Às seis horas, terminado o seu dia de trabalho, reuniam-se no vestíbulo do Hospital e recebiam do Subecônomo-Assistente a sua ração de soma (Huxley, 2014, p. 251).

Nesse último caso, há uma mescla da segunda e terceira categorias, pois a gratificação é uma droga inebriante, narcótico utilizado para intensificar os prazeres ou “subtrair a pressão da realidade a qualquer momento e encontrar refúgio num mundo próprio que tenha melhores condições de sensibilidade” (Freud, 2011, p. 22). Todos estes subterfúgios são utilizados como mantenedores de uma conduta formada desde a criação dos indivíduos, que são literalmente fabricados para atender às necessidades do sistema.

Com a geração em massa de indivíduos, enquanto números capazes de gerar maior produtividade, constrói-se uma sociedade pautada na manipulação. A quantidade de pessoas do sexo biológico feminino, por exemplo, é moldada para atender a capacidade reprodutiva do Estado Mundial e o nível de intelectualidade e boa formação corporal é baseado no nível social predestinado para cada ser. Desta forma, o Processo Bokanovsky – referente à multiplicação de indivíduos, com ênfase para a massificação das castas mais inferiores – é uma ferramenta que reforça a quantidade enquanto potência e o olhar estigmatizado sobre o conceito de unicidade, considerado como risco para a estabilidade.

Tal visão ampara o devotamento da libido para o Estado Mundial, representado pela figura de Ford, que homogeneiza os seres da horda no seu afeto. Para tanto, o único

entendimento sobre suas identidades é proveniente das castas as quais pertencem. Ademais, o sentimento de horror ao estabelecimento de vínculos duradouros é perpetuado, pois eles desviariam a libido que funciona em prol do sistema vigente. Assim, em *AMN*, além de algumas configurações de interação (família e relacionamentos amorosos) não existirem, elas são percebidas como obsoletas e perniciosas ao progresso social:

Mãe, monogamia, romantismo. A fonte jorra bem alto. O jato é impetuoso e branco de espuma. O impulso não tem mais que uma saída. Não é de admirar que esses pobres pré-modernos fossem loucos, perversos e infelizes [...], eram forçados a sentir as coisas intensamente. E, sentindo-as intensamente (intensamente e, além disso, em solidão, no isolamento irremediavelmente individual), como poderiam ter estabilidade? (Huxley, 2014, p. 63).

Além disso, desde fetos – através das incubadoras – até sua infância, ambos os sexos sofrem inferências constantes, a fim de desestimular vontades não produtivas à máquina do princípio do desempenho¹:

As flores do campo e as paisagens, advertiu, têm um grave defeito: são gratuitas. O amor à natureza não estimula a atividade de nenhuma fábrica. Decidiu-se que era preciso aboli-lo, mas não a tendência a consumir transporte. [...] – Nós condicionamos as massas a detestarem o campo – disse o Diretor, em conclusão –, mas, simultaneamente, as condicionamos a adorarem todos os esportes ao ar livre (Huxley, 2014, p. 43).

Dessa forma, o alarme de sirenes estrondosas e choques elétricos são aplicados para associar certos elementos com a ideia de nocividade, bem como a hipnopédia – uma metodologia de educação moral através do sono –, que auxilia no fomento da percepção social desejada para cada casta, e, portanto, na conformidade com o *status quo*. Isto se torna perceptível na passagem que narra a hipnopédia para crianças Betas:

As crianças Alfas vestem roupas cinzentas. Elas trabalham muito mais do que nós porque são formidavelmente inteligentes. Francamente, estou contentíssimo de ser um Beta, porque não trabalho tanto. E, além disso, somos muito superiores aos Gamas e aos Deltas. Os Gamas são estúpidos. Eles se vestem de verde e as crianças Deltas se vestem de cáqui (Huxley, 2014, p. 48).

Apesar da mascarada liberdade, uma obsessão com padrões de ordem e limpeza – apontada como resultante da imposição social por Freud (2011; 2019) e Marcuse (1968) – se manifesta como essencial ao EM, evidenciando uma libido alterada pela mais-repressão engendrada pela sociedade. Logo, com a segunda lição hipnopédica de higiene elementar “civilidade é esterilidade” (Huxley, 2014, p. 138), seu bem-estar e percepção de civilidade/ideais advém da adequação às normas impostas, já que “a limpeza está próxima

¹ De acordo com Marcuse, a concretude externa ao indivíduo não é inexorável e/ou orgânica, pois foi historicamente construída pela sociedade, assim, utiliza o termo “princípio do desempenho”, pois o cenário em questão exige um desempenho específico e repressivo no trabalho.

da fordeza”, o objeto comum de amor.

Para além do apagamento da família e outros vínculos afetivos, certas esferas da vida humana também foram reformuladas em prol do sistema: a religião foi considerada como ultrapassada e os rituais passaram a se dirigir ao símbolo central do EM, Ford, associando suas crenças sociais com a transcendência própria de uma religião:

O Presidente fez de novo o sinal do T e sentou-se. A cerimônia tinha começado. Os comprimidos de soma consagrados foram colocados no centro da mesa. A taça da amizade, cheia de refresco de morango com soma, foi passado de mão em mão e, com a fórmula “Bebo ao meu aniquilamento”, levada doze vezes aos lábios. Depois, com o acompanhamento da orquestra sintética, cantaram o Primeiro Cântico de Solidariedade. *Nós somos doze, ó Ford; em tuas mãos reunidos/Como as gotas que caem no Rio Social;/Ah! Faz com que corramos destemidos/Como teu calhambeque sem rival!* (Huxley, 2014, p. 106, grifos do autor).

De forma semelhante, a arte passou a ser renegada por conta do fator imaginativo da mesma, que inspira possibilidades de uma existência diferente, bem como pelo contato profundo que ela promove com as subjetividades. Assim, as produções musicais e cinematográficas eram cuidadosamente moldadas de forma a não propiciar reflexões, mas somente prazer sensorial. Ademais, a comunicação deveria reforçar as ideologias circulantes, uma vez que as frases taxativas revigoram os lemas sociais sem instigar a beleza poética que despertaria os mesmos resultados indesejados:

[...] O nosso mundo não é o mesmo mundo de *Otelo*. Não se pode fazer um calhambeque sem aço, e não se pode fazer uma tragédia sem instabilidade social. [...] Mas esse é o preço que temos de pagar pela estabilidade. É preciso escolher entre a felicidade e aquilo que antigamente se chamava grande arte. Nós sacrificamos a grande arte. Temos, em seu lugar, os filmes sensíveis e o órgão de perfumes (Huxley, 2014, p. 264-265).

A despeito da valorização dos avanços tecnológicos, estes somente são apreciados enquanto aprimoradores na automação dos processos existentes do EM, mas o entendimento do funcionamento deles e o engajamento de descobertas científicas é desestimulado, pois consideram o conhecimento como uma arma perigosa para a humanidade; assim, deve ser detido:

Que valor podem ter a verdade, a beleza e o conhecimento quando as bombas de carbúnculo estouram em torno de nós? Foi então que a ciência começou a ser controlada: depois da Guerra de Nove Anos. Nesse ponto, as pessoas estavam dispostas a deixar controlar até seus apetites. Qualquer sacrifício em troca de uma vida sossegada. Desde então, nós temos continuado a controlar. Isso não foi muito bom para a verdade, sem dúvida. Mas foi excelente para a felicidade (Huxley, 2014, p. 273-274).

De forma especial, a História se enquadra como uma das principais ciências a serem

perseguidas nesses universos. Em *Admirável Mundo Novo*, a sensação de estabilidade é reforçada pelo esquecimento de mudanças históricas, que aludem à possibilidade de alterações numa realidade vindoura. Desta maneira, as configurações do presente são percebidas como orgânicas e imutáveis:

A atualidade disponível é a temporalidade do *igual*. O futuro, ao contrário, se abre ao evento que é absolutamente surpreendente. A relação com o futuro é a relação com o *outro* atópico, que não pode ser enquadrada na linguagem do igual. [...] Nesse mecanismo técnico, o passado é privado de toda e qualquer vivacidade. É desprovido de tempo. [...] é desprovido de decisão e decisibilidade (Han, 2017, p. 32-33).

Com tamanha sistematização, aqueles que não se adequam são punidos com a transferência para ilhas com indivíduos que também questionaram o princípio de realidade existente em *AMN*, a exemplo de Helmholtz e Bernard Marx. Entretanto, a personagem John, criado com os selvagens – indivíduos que não obtêm a civilidade cultural hegemônica pregada pelo Estado Mundial – representa, posteriormente, os impactos psicológicos resultantes de uma reivindicação interior que não encontra sustentação no mundo externo entre seus pares, já que, segundo Marcuse (1968), a tentativa de implementação de ideais não comungados pela comunidade é enquadrada como caso de neurose.

Percebe-se, portanto, uma formulação social que detém inúmeros artifícios para manutenção do controle e esta tem sua base na libido: reformulação dos vínculos e redirecionamento da libido; condicionamento físico e psicológico das vontades, gostos e aptidões; bem como a deturpação da arte, ciência e religião.

5. É que o Estado acha feio o que não é espelho

Constantemente, é notória a admoestação do aspecto sexual/afetivo dos seres que se encontram inseridos nos contextos distópicos. De acordo com os projetos de sociedade presentes nessas diegeses, um método específico para condicionamento da libido dos civis é utilizado para concretizá-los: em *O conto da Aia* (2017), o sexo é visto como pecaminoso, caso não seja exclusivamente efetivado por conta de sua função reprodutora; por conseguinte, os corpos femininos são os principais alvos da adestração. Em *1984*, de George Orwell (2020), a instituição familiar é perniciosa, mantida apenas devido à necessidade de reprodução dos indivíduos, que percebem uns aos outros como estranhos passíveis de trair o Estado altamente controlador – objeto de afeto do corpo social.

Em contrapartida, na diegese de *Admirável Mundo Novo* (2014) há um cenário estável de aparente libertação e, até mesmo, estimulação da atividade sexual dos civis, que os mantém extasiados e satisfeitos ao ponto de não reivindicarem mudanças nas configurações da sociedade. Por conta disto, não há uma inquietação psíquica pelo novo – a capacidade de imaginar possibilidades de melhoria que revolucionam o *status quo* –, o que é importante para a manutenção do controle social:

O mundo agora é estável. As pessoas são felizes, têm o que desejam e nunca desejam o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca adoecem; não têm medo da morte; vivem na ditosa ignorância da paixão e da velhice; não se acham sobrecarregadas de pais e mãe; não têm esposas, nem filhos, nem amantes por quem possam sofrer emoções violentas; são condicionadas de tal modo que praticamente não podem deixar de se portar como devem (Huxley, 2014, p. 264).

De acordo com Figueiredo (2009), as utopias e distopias apresentam limites difíceis de serem definidos entre seus conceitos – aparentemente antagônicos –, já que a igualdade entre indivíduos almejada em realidades utópicas necessita de certo controle sobre as liberdades individuais, semelhante às representações de distopias. Entretanto, a autora ressalta que estas últimas possuem organizações sociais nas quais a repressão da liberdade é exercida com fins de beneficiar os indivíduos que estão no poder.

Assim, distopias podem ser apresentadas como utopias parciais, que mantêm o *status quo* e impedem o desenvolvimento do grupo, pois, de acordo com a concepção de Birri (*apud* Galeano, 1993, p. 230) sobre a utopia: “[Ela] está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”².

Em *Admirável Mundo Novo* (2014), o controle existe com a intenção de promover bem-estar e harmonia social, mas não há a igualdade entre os indivíduos e suas liberdades não são cedidas conscientemente. Desta maneira, a premissa aparentemente humanitária – espécie de lógica na qual os meios justificam os fins – não basta para uma classificação do sistema enquanto utópico, pois a sociedade é construída com base na atribuição inexorável dos destinos alheios, embora isto ocorra de forma aleatória, fomentando um ambiente de desigualdade estável e pacífico.

A otimização da vida, que afoga as subjetividades em prol de uma ordem do consumo, torna invisíveis as amarras sociais do Estado, lançadas com o objetivo de dominar os indivíduos e suas individualidades. Tal princípio da realidade dificulta a percepção de outras felicidades, que não estejam condicionadas aos princípios hipnopédicos de AMN:

O argumento que condiciona a libertação a um nível de vida superior serve com excessiva facilidade para justificar a perpetuação da dominação. [...] Além do critério implícito nesse princípio, o nível de vida poderia ser medido por outros critérios: a gratificação universal das necessidades humanas básicas e a liberdade contra a culpa e o medo – tanto internalizado como “racional” (Marcuse, 1968, p. 141).

² No original, em espanhol: “Ella está en el horizonte [...] Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré. ¿Para qué sirve la utopía? Para eso sirve: para caminar.”

Tendo em vista a automação do trabalho, o cenário em *AMN* permitiria uma igualdade no livre gozo do tempo, bem como a inexistência de categorizações previamente estabelecidas sobre os indivíduos. Apesar disto, a justificativa empenhada para manutenção do domínio foi a realização de um experimento, no qual um ambiente foi designado para a convivência em sociedade restrita a alfas – indivíduos condicionados de modo a obterem certa autonomia –, que resultou numa guerra civil. Por conta da capacidade crítica e do senso de autonomia parcial destes, a personagem que possui o cargo de administrador do Estado Mundial argumenta que nem todos poderiam ser alfas:

Um homem decantado como Alfa, condicionado como Alfa, ficaria louco se tivesse de fazer o trabalho de um Ípsilon Semialeijão; ficaria louco ou se poria a destruir tudo. Os Alfas podem ser completamente socializados, mas com a condição de que se lhes dê um trabalho de Alfa. Somente a um Ípsilon se pode pedir que faça sacrifícios de Ípsilon, pela simples razão de que, para ele, não são sacrifícios. São a linha de menor resistência. Seu condicionamento fixou trilhos ao longo dos quais ele tem de correr. Não tem outro remédio, está predestinado (Huxley, 2014, p. 267).

Assim, o controle total sobre as vontades se perpetua, legitimado pelo suprimento das necessidades básicas – ação que é compreendida como a conquista e manutenção da felicidade. As liberdades (individuais e coletivas) são suprimidas em prol do domínio, pois quando as necessidades sobrepõem os desejos, a vida em si se torna automatizada – um meio para outros fins – reverberando na descaracterização dos seres humanos pelo distanciamento de suas subjetividades. O homem, desta forma, converte-se numa mera engrenagem da lógica do desempenho:

O impulso lúdico é o veículo dessa libertação. O impulso não tem por alvo jogar “com” alguma coisa; antes, é o jogo da própria vida – para além de carências e compulsões externas – a manifestação de uma existência sem medo nem ansiedade e, assim, a manifestação da própria liberdade. O homem só é livre de coações, externas e internas, físicas e morais – quando não reprimido por lei nem pela necessidade (Schiller *apud* Marcuse, 1968, p. 167).

Com isso, torna-se explícita a complexidade advinda da tentativa de estabelecer limites entre utopia e distopia em algumas diegeses, pois o mesmo mundo que é considerado como ideal pela inexistência de fome, doenças e guerras somente existe devido à desumanização dos sujeitos que compõem seu corpo social. Eles não têm direito à felicidade, pois estão restritos ao gozo pleno que dissolve a intensidade com o atendimento das carências mais urgentes:

O que distingue o prazer da cega satisfação de carências e necessidades é a recusa do instinto em esgotar-se na satisfação imediata, é a sua capacidade para construir e usar barreiras para a intensificação do ato de plena realização. Embora essa recusa instintiva tenha feito o trabalho de dominação, também pode servir à função oposta: erotizar as relações não-

libidinais, transformar a tensão e alívio biológicos em livre felicidade (Marcuse, 1968, p. 197).

Posto isso, para além da construção do sistema social presente no Estado Mundial, o próprio entendimento de *Admirável Mundo Novo* enquanto diegese distópica é devido às inferências de Eros nos meandros sociais descritos no romance. Como diegeses que recorrentemente discutem as relações entre os seres humanos – a disputa entre os desejos individuais e a dominação – as distopias têm Eros como aspecto relevante nos seus desenvolvimentos e, na realidade fictícia em questão, seu condicionamento é o elemento estruturante de todo o sistema narrado na diegese.

6. Reflexões finais sobre as diegeses gestadas por Eros

O processo analítico de Eros – que diz respeito ao impulso libidinal dos indivíduos – foi empregado no romance *Admirável Mundo Novo* (2014), de Aldous Huxley, visando compreender como este elemento psíquico se apresenta no universo fictício estudado e como ele se estrutura enquanto aspecto utilizado para condicionar as subjetividades na distopia.

Com suas multifaces, Eros compreende não apenas o aspecto sexual romântico, mas todos os desdobramentos que advêm do desejo e da projeção de afeto. Sendo assim, é a energia que diz respeito às uniões – românticas, familiares e de comunidades mais amplas – bem como a busca pelo bom e pelo belo que gera o prazer. Dentro dessas perspectivas, em *AMN*, verificou-se que o condicionamento deste se dá a partir dos seguintes apontamentos reguladores: (i) *diversões poderosas* – Cinema Sensível, Música Sintética, Golfe Obstáculo e outros recursos lúdicos; (ii) *substâncias inebriantes* – soma; e (iii) *gratificações substitutivas* – recompensas como viagens, promoções e a ração de soma.

Além disso, há: (iv) *a preconização da individualidade como nociva* – através da dissolução das identidades no corpo social; (v) *a manipulação das vontades e afetos* – com a adoração à figura de Ford; o desmantelamento dos vínculos duradouros (românticos, familiares e entre classes sociais distintas), o condicionamento na incubadora (regulação da inteligência, capacidade reprodutiva e da acomodação climática) a formação social (doutrinação por meio da hipnopedia e do uso de sirenes e choques elétricos); e, por fim, (vi) *o controle indireto* – com a ordem e limpeza como normas domesticadoras, a arquitetura como projeção ideológica, bem como a apropriação deturpada da ciência e da religião.

Tais ferramentas de controle se alinham com as categorias delineadas por Trousson e Baldini (*apud* Berriel, 2014) como características de uma utopia, que possuem similaridades com algumas realidades distópicas, conhecidas como anti-utópicas. Estas diegeses incentivam o questionamento de quais seriam os limites entre utopia e distopia. Em *AMN*, isto ocorre por meio do condicionamento de Eros, pois os elementos que identificam a produção como diegese distópica/utópica advêm deste processo intersubjetivo naturalmente empenhado nas narrativas (ficcionalis).

Dessa forma, Eros é o aspecto dinamizador das regulações democráticas e libertadoras, bem como das autoritárias e padronizantes, de acordo com o condicionamento social existente na sociedade analisada. Em *Admirável Mundo Novo*, a existência de um mundo sem guerras, miséria e fome alude, à primeira vista, ao conceito de utopia para o leitor, que constata o sofrimento emergente de tais carências em seu mundo concreto. Entretanto, o texto suscita a indagação sobre a satisfação das necessidades ser suficiente para a concretização da felicidade, e se ceder às liberdades individuais realmente recompensaria, a ponto de criar a sonhada utopia. Um movimento que possibilita uma crítica a respeito do valor das individualidades em relação aos prazeres alienantes que um regime social pode promover. Neste sentido, Eros funciona como fenômeno central na arquitetura dos arranjos sociais em *Admirável Mundo Novo* e, por conseguinte, o olhar sobre o condicionamento do mesmo é essencial para compreender a classificação do romance como pertencente ao universo anti-utópico/distópico.

Pelo disposto, a análise das inferências sistemáticas de Eros em *AMN* permite um entendimento maior não apenas do universo estudado, como das diegeses em questão, pois nestas a sexualidade e os afetos são constantemente manipulados. Para além disto, tendo em vista que o fenômeno está expandindo suas facetas (Han, 2017), o desenvolvimento de pesquisas que se debrucem sobre sua regulação nas utopias/distopias é necessário para uma leitura contextual da própria realidade concreta, já que as articulações de Eros são responsáveis pela construção dos sistemas sociais. Ademais, em tempos líquidos, isto ensejaria um maior entendimento das reverberações que o contato – ou a carência deste – com o “outro” pode desencadear na odisseia intersubjetiva que é o devir humano.

Referências

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. O Romance. In: AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 8 ed., 2007, p. 671-786. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/qdownload/teoria-da-literatura-aguiar-e-silva-pdf-free.html>. Acesso em: 15 set. 2023.

ATWOOD, Margaret Eleanor. *O Conto da Aia*. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Prefácio. In: BIANCHETTI, Lucídio; THIESEN, Juarez da Silva. *Utopias e distopias na Modernidade: educadores em diálogo com T. Morus, F. Bacon, J. Bentham, A Huxley e G. Orwell*. Ijuí: Editora Unijuí, 2014. p. 9-20. Disponível em: <https://dokumen.pub/qdownload/utopias-e-distopias-na-modernidade-educadores-em-dialogo-com-t-morus-f-bacon-j-bentham-a-huxley-e-g-orwell-1nbsped-9788541901178.html>. Acesso em: 04 set. 2023.

FIGUEIREDO, Carolina Dantas de. Da utopia à distopia: política e liberdade. Recife: *Revista Eutomia*, UFPE. n. 03, v. 01, p. 324-362, jul. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1821/1395>. Acesso: 17 set. 2023.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2020.

GALEANO, Eduardo. *Las Palabras Andantes*. Buenos Aires: Catálogos, 1993. Disponível em: http://resistir.info/livros/galeano_las_palabras_andantes.pdf. Acesso em: 15 set. 2023.

HESÍODO. *Teogonia: Trabalhos e dias*. Tradução de Sueli Maria de Regino. 2 ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Huxley com Marcuse: Admirável Mundo Novo como paisagem fictícia da emergência do controle político dos indivíduos a partir do uso de substâncias químicas. In: *II COLÓQUIO FILOSOFIA E LITERATURA: FRONTEIRAS*, 2010, São Cristóvão. *Anais [...]*. São Cristóvão, 2010. p. 128-142. Disponível em: https://www.academia.edu/5169477/Huxley_com_Marcuse_Admir%C3%A1vel_Mundo_Novo_como_paisagem_fict%C3%ADcia_da_emerg%C3%Aancia_do_controle_pol%C3%ADtico_dos_indiv%C3%ADduos_a_partir_do_uso_de_subst%C3%A2ncias_qu%C3%ADmicas. Acesso: 17 set. 2023.

HAN, Byung-Chul. *Agonia do eros*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. Tradução de Vidal de Oliveira. São Paulo: Globo, 2014.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução de Álvaro Cabral. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MEDEIROS, Clederson Montenegro. *Celebração de Eros na Literatura*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras. Recife, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7476>. Acesso em: 16 set. 2023.

FERNÁNDEZ, Laura. Margaret Atwood: “As utopias voltarão porque precisamos imaginar como salvar o mundo”. *EL PAÍS*, Barcelona, 29 Mai. 2021. Cultura. p. online. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-05-29/margaret-atwood-as-utopias-voltarao-porque-precisamos-imaginar-como-salvar-omundo.html#:~:text=%E2%80%9CTeremos%20que%20descobrir%20como%20nos,com o%20um%20diretor%20de%20cinema%E2%80%9D>. Acesso em: 8 set. 2023.

ORWELL, George. 1984. Tradução de Alexandre Hubner e Heloísa Jahn. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2020.

PLATÃO. *O Banquete*. Tradução de Anderson de Paula Borges. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2017.

SILVA, Gilson Antunes da. Literatura e Psicanálise: por uma aproximação possível. *XIII SEMOC*. 2010, UCSAL. *Anais* [...]. Salvador, 2010. p. 1-11 Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/3235/1/Leitura%20e%20psican%C3%A1lise%3A%20por%20uma%20aproxima%C3%A7%C3%A3o%20poss%C3%ADvel.PDF>. Acesso em: 07 set. 2023.

Recebido em 09 de outubro de 2023
Aceito em 28 de dezembro de 2023